

LEMBRANÇAS DE SOL, SUL E ROSA: EXPEDIÇÃO AO PANTANAL E UMA MISCELÂNEA

Joana Passi de Moraes

RESUMO

O artigo parte de uma pesquisa realizada com arquivos institucionais e domiciliais, de uma expedição científica que saiu do Rio de Janeiro para o Pantanal, em 1947, composta por um grupo de estudantes da Universidade do Brasil, liderado pelo geógrafo Hilgard Sternberg e por outro grupo, formado por estudantes do Instituto Rio Branco, acompanhados pelo diplomata e escritor João Guimarães Rosa. Refletiremos sobre a especulação como um método de pesquisa, que consiste no deslocamento dos estudos técnico-científicos para o âmbito da imaginação e da arte. Apresentaremos o formato de miscelânea como meio de conjugar um material múltiplo, que entrecruza temporalidades diversas e documentos de diferentes ordens, como peças literárias, relatórios técnicos, narrativas orais, registros afetivos, artísticos e históricos. Por fim, discutiremos as particularidades da prática de pesquisa no âmbito domiciliar.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo domiciliar; João Guimarães Rosa; Miscelânea; Especulação.

ABSTRACT

The article is based on research conducted with institutional and household archives related to a scientific expedition that took place in 1947. This expedition was composed of two different groups: one led by the geographer Hilgard Sternberg, consisting of students from the University of Brazil, and another formed by students from the Rio Branco Institute, accompanied by the diplomat and writer João Guimarães Rosa. The article will reflect on exploring speculation as a research method, which involves shifting technical-scientific studies into the realm of imagination and art. It will present the format of miscellany as a means of combining diverse materials that intersect various temporalities and documents of different sorts, such as literary pieces, technical reports, oral narratives, affective records, artistic and historical documents. Finally, the text will discuss the particularities of research practice in the domestic sphere.

KEYWORDS: Domiciliary archive; João Guimaraes Rosa; Miscellaneous; Speculation.

A EXPEDIÇÃO

Em 1947 uma expedição rumou do Rio de Janeiro para o Pantanal para realizar um levantamento geográfico da área do entorno de onde Brasília seria construída, na região que abrange o Mato Grosso do Sul até a fronteira com Bolívia e Paraguai. Na época, o governo federal investiu no mapeamento por técnicos, cientistas e estudantes em expedições para o Centro-Oeste e Oeste brasileiro, com a finalidade de mapear a região para onde seria realocada a capital federal. Essas viagens geraram registros de diferentes ordens — das esferas científica, técnica, artística e afetiva — que foram mantidos em arquivos, divididos entre instituições públicas e no âmbito domiciliar.

A "Expedição ao Pantanal", como é lembrada por seus participantes, permaneceu em lembranças narradas, para além de registros documentais. Histórias contadas entre os familiares de duas protagonistas dessa expedição, Sol Garson e Sulamita de Farias Brito e Castro, rememoram a viagem que as duas realizaram, como um marco de suas atividades como estudantes da faculdade de Filosofia, História e Geografia da Universidade do Brasil. Liderada pelo Professor Hilgard O'Reilly Sternberg, a viagem teve destaque por seu caráter "desbravador", comprometido com um "futuro", com a missão de ir ao encontro de uma região que prometia "prosperidade" e "desenvolvimento nacional".

Além do grupo de estudantes que empenhava seu conhecimento geográfico em um dever cívico, a expedição contou com a participação do escritor João Guimarães Rosa, recém-retornado da Europa, onde exerceu cargo diplomático durante a Segunda Grande Guerra Mundial. Na ocasião da viagem ao Pantanal, Rosa acompanhou dois estudantes do Instituto Rio Branco, aspirantes a cargos diplomáticos, que cumpriam com demandas curriculares de viagens de campo. Rosa, na época, exercia a chefia de gabinete no Itamaraty e fora recém-associado à Sociedade Brasileira de Geografia, a fim de seguir com seu declarado empenho de conciliar poesia e ciência para "melhor conhecer o Brasil" (ROSA, 1945). Como fruto da viagem, Rosa publicou a célebre reportagem "Com o vaqueiro Mariano" (1947)¹ e outros textos posteriormente compilados na obra póstuma *Ave, Palavra* (1970)².

¹ "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 1), *Correio da Manhã*, n. 16.252, 26 out. 1947 p. 1; 3; "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 2), *Correio da Manhã*, n. 16.350, 22 fev. 1948, p. 1; 3; "Com o vaqueiro Mariano" (Parte 3), *Correio da Manhã*, 7 mar. 1948 p. 1; 3.

² "Sanga Puytã" (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17.08.1947), "Cipango" (Folha da Manhã, São Paulo, 17.02.1952), "Ao Pantanal" (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 05.04.1953), "Uns índios – sua fala" (*Letras e artes*, Rio de Janeiro, 25.05.1954).

A expedição gerou produções de diferentes naturezas: trabalhos científicos de campo, produções literárias de Rosa, narrativas orais, fotografias, correspondências, entre outros registros, possivelmente, ainda guardados em arquivos privados dos demais participantes da expedição.

Nos arquivos domésticos de Sol e Sulamita, permaneceram correspondências, cadernos com anotações dos trabalhos de campo, fotografias, cartões postais e o rascunho de um relatório técnico — um material repleto de teor afetivo, com marcas de gestos, rasuras, confissões íntimas, entrelaçadas com registros sobre o que viam, sentiam e viviam. Destacam-se vislumbres sobre a paisagem que as surpreendiam pela exuberância e diversidade de fauna e flora. Como estudantes de geografia, suas escritas entrelaçavam registros técnicos e afetivos. Em correspondência para seu noivo, Leon Passi, Sol escreve: "(...) conheço a paisagem geograficamente. E nem por isso, pelo contrário, muito por isso é que eu sinto a terra vibrar no meu sangue (...)", em outro momento, descreve a paisagem: “de um lado e doutro, a várzea do pantanal se estende até o (ilegível) da cordilheira, ao longe. Nada o impede. Tudo é belo e calmo. O mar que sussurra, a vegetação, meu corpo...” (GARSON, 1947).

Nos arquivos institucionais, não foram encontrados documentos remanescentes da expedição. Nas ocorrências em pesquisas sob o nome de Guimarães Rosa, em instituições públicas³, encontramos duas correspondências com descrições detalhadas sobre a viagem⁴, folhas soltas de seu caderno de campo, além dos rascunhos das publicações literárias derivadas da viagem. Não foram encontrados documentos sobre a viagem nas pesquisas sobre o geógrafo e líder da expedição Hilgard Sternberg⁵.

Tendo em mãos um arquivo múltiplo e disperso, composto por materialidades, lugares e temporalidades diversas, nos deparamos com fragmentos e fios soltos a partir dos quais cabem especulações sobre os acontecimentos do passado. Diante dessa materialidade complexa, coloca-se o problema da montagem, o qual nos leva a considerar metodologias que suscitem a pluralidade de formas, imagens e narrativas que surgem do evento da viagem e de seus desdobramentos. Nos deparamos, então, com a possibilidade de especular — no sentido de ver imagens e seus duplos —, de fazer emergir a dimensão política e artística desse evento, em consonância com o conceito de "especulação", como definido por Josefina Ludmer (2013):

³ Arquivo João Guimarães Rosa, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP).

⁴ Carta de Guimarães Rosa para seu pai, de 25 de novembro de 1947 (Casa de Rui Barbosa); carta de Guimarães Rosa para Antonio Azeredo da Silveira, de 5 de agosto de 1947 (acervo pessoal de Antonio Azeredo da Silveira);

⁵ Levantamentos foram realizadas nos arquivos pessoais de Hilgard Sternberg, presentes no Instituto Tecnológico Vale e na Universidade de Berkeley.

(Especulação) inventa um universo diferente do conhecido, fundando-o do zero. Também propõe outro modo de conhecimento. Não pretende ser verdadeira ou falsa; gira em torno do como se, imaginemos e do suponhamos: na concepção de uma pura possibilidade. (...) toma ideias de várias partes e se apropria do que lhe interessa. (...) A especulação inventa um mundo diferente do conhecido: (...) de imagens e palavras, discursos e narrações, que flui num movimento perpétuo e efêmero. (LUDMER, 2013, p.8-9).

Outra problemática é posta diante desse arquivo plural e da polifonia provocada pelo empenho especulativo e imaginativo. Tendo em mãos documentos e narrativas orais relevantes para a compreensão de um período da história brasileira, como expor as dimensões artísticas e científicas deste conjunto de “dados moles” — lembranças e afeto — e “dados duros” — documentos e registros institucionais? Como reunir e apresentar esse material, de forma a costurar suas narrativas e visualidades, criando semelhanças com a dinâmica própria de uma viagem, do trânsito interruptivo, da miscelânea de um arquivo, onde acasos e interrupções, fragmentações e descontinuidades decorrem?

ESPECULAÇÃO ENQUANTO MÉTODO

A “especulação” enquanto método comporta a apropriação, invenção e imaginação de temporalidades e mundos possíveis. Comporta, também, uma produção de narrativas em que fronteiras são móveis, ou seja: não há distinções estritas entre realidade e ficção, ou entre propriedades e territórios. Índícios de vegetação, fauna, cultura, ambiente, sons, pessoas, animais, palavras, que permanecem em escritos e em depoimentos, podem nos ajudar a tramar uma paisagem da Expedição ao Pantanal de 1947 – a especular um outro tempo e lugar.

Especular desdobra-se no jogo de palavras apontado por Josefina Ludmer (2013): “especular” como adjetivo – “espelho e suas imagens, duplos, simetrias, transparências e reflexos” – e com o verbo – “pensar e teorizar (...)”. Ao mesmo tempo tramar e calcular os ganhos. Com um sentido moral ambivalente”. Buscamos, assim, compreender de que modo o trabalho imaginativo sobre objetos do passado, seus deslocamentos e reconfiguração de sua arquitetura de guarda operam uma lógica especulativa sobre a história, sobre a escrita do presente e a configuração de mundos por vir. Especular “outro mundo” é buscar dispositivos para entender mundos incipientes, para escrever como “testemunho, documentário,

memória e ficção”; é, também, “pensar com imagens e perseguir um fim secreto” (LUDMER, 2013, p. 7).

A apropriação, uma operação da especulação, prevê a ideia de deslocamento, se apropria de ideias de acordo com o que lhe interessa – desloca ideias de diferentes contextos para realocá-las em outra ordem: “a arte da especulação consiste em dar uma sintaxe às ideias dos outros, postulando um aqui e agora a partir de onde elas são utilizadas” (LUDMER, 2013, p.8). Diante de um evento sobre o qual só é possível ter acesso através de registros e documentos de outros e de outrora, como ocorre com a expedição ao Pantanal, nos confrontamos com um objeto que se conforma como um espectro, do qual buscamos nos aproximar não pela delimitação de seus contornos ou pela apresentação direta de seu todo.

A especulação permite, então, reunir seus fragmentos, identificar suas presenças e permanências, criar superfícies sobre as quais espectros podem ser refletidos e se mostrarem – por onde vemos “suas imagens, duplos, simetrias, transparências e reflexos”. De novo, cito Ludmer para reforçar a imagem da especulação como um jogo de espelhos, ou tramas, pelo qual é possível ver de relance, feixes de luzes e sombras de instantes de acontecimentos de outro tempo.

MISCELÂNEA COMO ESTRUTURA E DESESTRUTURA

Para compor um corpo de texto investigativo-crítico que comporte a multiplicidade de objetos e temas que circundam o evento da expedição, a composição de uma miscelânea reforça o teor diverso, vagaroso e interruptivo implicado no método especulativo. Esse formato possibilita reunir reflexões sobre o imaginário de uma época; anotações sobre as práticas de um grupo de estudantes universitários da Universidade do Brasil; apresentação dos métodos geográficos e da pesquisa de campo de Rosa; documentos e reflexões sobre arquivo; exercícios visuais; cartografias; listas; notas de lembranças; entre outros “achados” que decorrem do processo de uma investigação em arquivos.

A miscelânea possibilita, portanto, abarcar elementos imprevistos, garantir um espaço aberto e convidativo para a inclusão de pontos de interesse que surgem ao longo da caminhada da pesquisa; permite também a inclusão de informações que são convocadas pelo desenvolvimento do pensamento investigativo, do próprio texto e de sua montagem, além de abarcar imagens e ideias que aparecem, frutos de encontros inesperados.

O encontro com o formato da miscelânea ocorreu pelo estudo do livro de Rosa que continha os textos sobre a viagem — o *Ave, palavra* (1970) — obra póstuma que foi caracterizada pelo próprio escritor como uma miscelânea formal e temática por reunir contos, poesias, notas de viagens, trechos de diários, reportagens poéticas, meditação, poemas dramáticos e reflexões filosóficas. A atenção dada ao formato do livro, para além de seu conteúdo, decorre da busca por nomear uma prática investigativa e criativa caracterizada pela valorização equânime dos múltiplos assuntos tangentes aos objetos de pesquisa, pela liberdade associativa e pela busca por uma aproximação não hierárquica entre os temas e personagens. É um formato que possibilita modular os valores atribuídos a um manuscrito de Rosa com rabiscos em um caderno de viagem de Sol; um relatório geográfico com um mapa astral; uma fotografia de paisagem de 1947 com um desenho de um pássaro imaginado.

Outro fator de relevância é sua característica de ser um formato que esteticamente se assemelha à prática de anotação fragmentada de um caderno de viagem. É uma escrita que busca compor um panorama de uma viagem por suas variadas partes. Em suma, miscelâneas comportam uma multiplicidade de vozes, fragmentos, recortes e folhas soltas, que, quando agrupados, potencializam imagens que não se encerram em um só sentido totalizante, mas fazem proliferar diferentes sentidos, vieses de leitura, deslocamentos e aproximações: confrontam textos produzidos com finalidades e formatos diferentes, imagens pertencentes a universos distintos e temas de características divergentes.

A leitura de uma miscelânea caracteriza-se pela interrupção de sentidos: configura, desfaz, apaga e reconfigura, constantemente, imagens. Sua temporalidade quebra a lógica narrativa baseada no encadeamento linear e sucessivo entre os acontecimentos pela imprevisibilidade da sucessão do que se apresenta agrupado. O tempo é fragmentário, disruptivo e vertiginoso. Desta lógica, surge uma temporalidade que é construída a cada virar de página, sucessivamente. As narrativas e imagens possíveis de serem apreendidas numa miscelânea não operam em sínteses dialéticas, mas, sim, na aproximação de sentidos, por vezes divergentes.

A experiência de percorrer uma miscelânea assemelha-se esteticamente ao revirar documentos e memorabilia em um arquivo informal domiciliar — como abrir uma caixa ou uma gaveta com variados papéis, objetos, fotografias, anotações, lembranças e restos do dia a dia doméstico. Nesse passar de folhas soltas, pairando por histórias, lembranças e temporalidades diversas, nos aproximamos, também, da experiência do ritmo entrecortado próprio do deslocamento de uma viagem — como a vista da janela de um trem, o tempo

alongado nas paragens, o desenho de um horizonte fraturado, as vertigens e surpresas de encontros inesperados.

A miscelânea é o formato que agrupa os fragmentos resultantes de investigação em espaços diversos, além de sugerir que Rosa cumpria suas funções de diplomata ao mesmo tempo em que exercitava seu olhar de artista (fazia anotações e croquis preparando textos futuros), a operação escritural em forma de miscelânea sugere e discute que os jovens geógrafos em formação seguiam a metodologia científica aprendida sem abrir mão do exercício constante da sensibilidade estética. Conjugaram, assim, atividades diversas, sem se ater estritamente aos registros atribuídos às suas funções institucionais.

PALAVRAS SOBRE UM ARQUIVO DOMICILIAR

Foi assim, nesta domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. A morada, este lugar onde se de-moravam, marca esta passagem institucional do privado ao público, o que não quer dizer do secreto ao não-secreto.

Derrida, 1995, p. 13.

Materiais não condicionados a uma arquitetura arquivística – em lugares como casas, sótãos, porões, baús, caixas, armários e gavetas abarrotadas de documentos e memorabilias — proporcionam uma liberdade intrínseca à proximidade do pesquisador com seu objeto no espaço familiar e domiciliar. Um acervo guardado nesse âmbito pode ser trabalhado a partir de diferentes métodos, qualitativo, quantitativo, além do especulativo, com a finalidade de investigar a dimensão de seu conteúdo e as possibilidades de seus desdobramentos nas esferas imaginativa, ficcional, histórica e artística.

Aleida Assmann (2011) nota que “ao contrário da memória corporificada sensorialmente nos corpos e nos lugares, o arquivo é separado destes e é, assim, abstrato e genérico” (p.25). Especulamos, então, se percorrer documentos sem indexações ou nomenclaturas, na (des)ordem particular da dimensão domiciliar, gera alguma espécie de memória corporificada, pois exige de quem “trata” os documentos um exercício de dar nome, de dar alma, ao que se encontra em uma espécie de limbo.

Separados de suas funcionalidades originais, documentos guardados no ambiente doméstico muitas vezes não têm valor determinado, são restos que aguardam o momento de serem selecionados para descarte. Foram em algum momento considerados relevantes, podem guardar marcas de momentos significativos para quem os conservou, logo, pairam

no limbo entre lixo e relíquias que seguirão na linha hereditária da memória familiar – até serem rejeitados, ou até serem transferidos para a esfera da imaginação artística.

Lixos, papéis e coisas sem uso no cotidiano, destituídos de funcionalidade, guardam uma miríade de outras existências possíveis, de outros nomes e títulos a receberem. Quando olhamos uma coisa que fora deposta de sua história, mas que permanece no tempo – pedaços de outras vidas, sem definição prévia na hierarquia da memória –, vamos ao encontro de um campo fértil para imaginar narrativas e imagens latentes em rastros, entranhadas em texturas, formas e odores. Essas coisas, "decaídas do circuito de uso" (ASSMANN, 2011), ainda guardam o potencial de circularem em outras esferas de sentidos e afetos. As palavras – nomes, qualidades e descrições — que abarcarão essas coisas em "limbo", por sua vez, têm sua própria existência, aguardando superfícies para abarcá-las.

Assim, nos aproximamos da fala de Kaká Werá (2020), ao apresentar as dimensões da cosmologia tupi-guarani: dar palavra a algo é dar alma.

NHE' ENG: falar

NHE' ENGA (TUPI ANTIGO): fala, idioma, língua, palavra

NHEENGATU: língua geral, língua boa, língua fácil de ser entendida

NHEN NHEN NHEN, NHENHENHÉM: falação, falar muito, tagarelice

IXÉ ANHE'ENG - eu falo

NHENG - alma

No Tupi antigo, a palavra *Nheng* significa ao mesmo tempo alma e palavra. Palavra que dá nome às coisas e as tornam presentes. Dá nome ao invisível e o torna palpável e atual. Assim dá-se nomes aos bichos, às plantas, aos lugares, à gente, e aos acontecimentos, para escrevê-los e contá-los, para torná-los presentes. “Na visão tupi, palavra e alma – *Nhen*, *Nheng*, é vida. Cada palavra que a gente pronuncia tem uma alma. Palavra e alma é uma coisa só. Toda palavra é portadora de vida” (WERÁ, 2020).

No mundo do meio, dos quatro elementos, é onde os ecos das histórias, dos cantos, dos sons encontram forma e corpo, sobrevivem e permanecem. Onde o ritmo das palavras e das vozes afeta corpos e matéria: “no mundo do meio, palavra não é só vibração, é entidade” (WERÁ, 2020). Nessa esfera de existência onírica, palavras são seres que podem nos perturbar, com quem travamos batalhas, com quem vivemos afetos corporais. Quais escritas, ou métodos, podem ser aplicados para abordar eventos do passado, "coisas em estado de limbo", potencializando suas dimensões histórica, artística e científica? O empenho

da imaginação, o esforço de dar forma e palavra, no contato direto com essas "coisas", sem mediações de estabelecimentos de poder, é capaz de provocar a memória corporificada? Em qual instância restos, lixos, e memoráveis domésticas ganham o status de “armazenador(es) de conhecimento coletivo” (ASSMANN, 2011, p. 25).

No esforço de investigar linguagens para especular com lembranças, perseguir rastros de um acontecimento de outrora e refletir sobre memória corporificada, anotações sobre o processo de contato com documentos produziram espécies de notas descritivas de uma pesquisa de campo por caixas de acervo familiar. Um exercício, espécie de expedição por arquivos, foi realizado, como um geógrafo em trabalho de campo anotando o que via ao seu redor. Exposto a seguir, o exercício mostra um trajeto pelo percurso de abrir uma caixa grande que guardava caixas pequenas, que guardavam pastas, que guardavam envelopes, que guardavam restos de atividades de uma família.

ARQUIVO COM RESTOS DE SOL GARSON PASSI / ELIZABETH GARSON PASSI DE MORAES / GENETON MORAES NETO

ABERTURA 1: caixa plástica azul onde se encontra caixa de arquivo plástico cinza, sem marcas; uma pasta em tamanho A4 translúcida; duas pastas-fichário idênticas, pretas com cinza chamuscado, com argola de aro largo medindo aproximadamente um palmo de minha mão fechada de espessura; e um saco de material plástico fibroso branco, rasgado na lateral.

ABERTURA 2: um envelope marrom; uma pasta amarela de plástico corrugado; um bloco encadernado de aproximadamente 300 páginas; impressões em papel A4 diversas, com aproximadamente três dedos de espessura, a maioria aparenta ser recente; uma pasta-envelope de papelão azul-claro; um livro-revista de capa avermelhada; anotações em papéis amarelos; plástico grosso transparente com documentos amarelados no interior, aparenta ser antigo.

DOCUMENTO 1: envelope em papel pardo (Craft ou Kraft) amassado. Textura rugosa, seca. Marrom (vermelho, amarelo, branco, azul – vermelho em maior presença). Ponta esquerda superior rasgada e ponta esquerda inferior amassada. As quatro bordas contêm vincos, a superior e a esquerda com maior dano. A frente do envelope não contém marcas. O verso contém na borda superior as letras diagramadas como a seguir: “Rua Irineu Marinho 70. 20230-901 Rio de Janeiro RJ”, a tipografia é de fonte desconhecida, semelhante à

"Futura", sem serifa, em tamanho 8 (aproximadamente), espaçamento normal, em cor preta. A borda superior contém uma marca em forma de círculo preenchido em preto, com um ponto vazado no centro do qual irradiam 3 linhas arqueadas das quais visualizamos uma representação de sonar. Abaixo do disco-antena-sonar lemos "AGÊNCIA" "O GLOBO". A tipografia das letras é de fonte desconhecida. "AGÊNCIA" tem tamanho 10 (aproximadamente), espaçamento expandido, em cor preta. "O GLOBO" tem tamanho 11 (aproximadamente), espaçamento normal, com uma tarja preta como realce e sem preenchimento – cor de papel.

Um maço de papel branco, em tamanho A4, com a espessura no tamanho de um dedo indicador de minha mão fica guardado no envelope. Fora do envelope, a primeira folha tem um texto e marca de “clips” no canto superior direito. Não há clips como objeto físico no envelope, somente sua marca de ferrugem, além de papel, tinta de impressora e grafite de lápis de anotações a mão de Elizabeth (pesquisadora). O texto está em fonte Arial, cor magenta, tamanho 12, espaçamento normal: Novembro de 1932 - Orografia de Mato Grosso (descrição das montanhas, segundo o Aurélio).

Resposta à consulta feita pela prima Alina do Nascimento Tocantins sobre a orografia de Mato Grosso. Lista e cita o nome de todos os acidentes geográficos, serras, rios e chapadões do Sul, Leste e Oeste mato-grossenses. Despede-se dizendo: “... seu consultor não passa de um simples viajante dos sertões do Brasil”. Escreveu a carta “... em viagem para Corumbá, razão de serem escritos a lápis, único instrumento que costumo carregar quando viajo”.

A cor magenta do texto, suspeito, tem procedência na ausência de tinta da impressora de Beth.

A pesquisa foi realizada em 2007, com a finalidade de fornecer material para a produção da minissérie Rondon da TV Globo. O envelope com a marca "O Globo" está junto dos documentos da pesquisa de Beth por conveniência, uma vez que morava com seu marido, jornalista da empresa.

Passada a primeira página, há outra folha branca A4, com a mesma marca de clips-ferrugem:

"OROGRAFIA

DE

MATO GROSSO

General Cândido Mariana da Silva Rondon

NOVEMBRO DE 1932"

As folhas de papel da carta, com marcas e rasuras físicas de grampos, fitas adesivas e amassados, têm escrita em letra cursiva com o uso de ortografia e grafia marcadas pelos tipos e gramática da época. A carta informa sobre as circunscrições científicas da região do Mato Grosso, especificadas por coordenadas, metragens e apontamentos de nomes de montanhas, em sua maioria de origem tupi-guarani.

Depois da carta, há páginas do livro sobre a viagem, em fotocópias. Ao verso, no canto superior direito, escrito a mão pela pesquisadora, em lápis:

Relatório Interessante pela descrição da paisagem, tipo de pesquisa, forma de transporte do material coletado e tipos de meios de transporte para a expedição, componentes da expedição.

Depois do livro, outra anotação de Beth resumindo o conteúdo de uma segunda carta sobre o Rio Negro.

DOCUMENTO 3: Pasta-envelope de papel de gramatura superior a 300g/m², com imagem de edifício em arquitetura moderna, postes de iluminação pública, vegetação urbana e monumento composto de colunas brancas verticais em primeiro plano. Na área superior da imagem, no céu onde não se avista horizonte, uma marca azul e branca com uma representação gráfica do monumento branco vertical, com as letras da abreviatura "UFMG" abaixo circunscritas, imagem e letras, em um retângulo azul sob a fonte branca. Fora do retângulo, a frase em azul "A NOSSA UNIVERSIDADE".

Dentro da pasta-envelope, duas folhas de papel A4 agregadas por um grampo que também prende um comprovante de pagamento azul com a marca "cielo". As folhas registram a reserva do hotel Mohave, em Campo Grande, durante os dias 13, 14, 15,16 e 17 de novembro de 2017.

No mesmo compartimento da pasta, estão: anotações em lápis e caneta, desordenadas, em texto e desenho, em bloco de notas emoldurado pela logo da UFMS; uma régua de 30 cm – com 25 cm marcados – em papel, com conversor de milímetros e polegadas no verso; uma *fanzine* do “Grupo de pesquisa Pensar o Desenho Artes Visuais – UFMS”. Dentro do *fanzine* desenhos feito por mim, de observação de objetos ao meu redor, com anotações de horas e dias, e colagens de post-it com desenhos de situações imaginadas. Pasta montada na ocasião do XXVII CONFAEB / Campo Grande/ MS.

ABERTURA 4: Uma pasta amarela de plástico com o elástico preto torado. Primeira vista: uma coleção de cartões postais de décadas distintas, provenientes de diferentes membros da família. Registro aqui as palavras impressas e escritas nos cartões, além das imagens:

VERONA - Notturmo a S. Giorgio

DA FOTOCOLOR - KODAK EKTACHROME

The story of the

HAMPTON COURT

PALACE GARDENS

An exhibition told in words and pictures

HAMPTON COURT PALACE

(Envelope)

REMETENTE: _____

ENDEREÇO: _____

ROUND RC BRASIL CARD

SELO Colombo

(Conteúdo: 1 fotografia e 1 cartão)

Geneton e Ernesto sentados em uma mesa de jantar na 14 Albert Road; uma garrafa de coca-cola; um gravador de fita colorido com microfone; papel de parede; porta do jardim de inverno; minha mão esquerda apoiada em algo preto; uma fresta do meu olho, testa e bochecha; duas mãos de uma pessoa que pode ser a Silvia, a Elizabeth, a Clara, a Mariana, a Carol ou alguma outra visita. Suponho que seja a Clara.

Pousada Aconchego

Minoru Hakozaki

Suítes e Apartamentos com ar-condicionado

TV a cores – Piscina – Estacionamento – Telefone – Sala de Jogos – Frigobar – Passeios de Saveiro

Rua Domingues Gonçalves de Abreu, s/n

CEP 23.970-000 – Paraty – RJ

PARATY

16 - Vista Noturna da Igreja da Sta. Rita de Cássia (1722)

Paraty – RJ – Brasil

“Paraty – Monumento Nacional”

Fotos de Nelson Godoy – Direitos Reservados

Nelson Godoy Artes Visuais – Fone: (011) 263.5047 – São Paulo

TOYS AREN'T US.

A DOG IS FOR LIFE, NOT JUST FOR CHRISTMAS

NCDL National Canine Defence League

For more information on the National Canine Defence League, please call: 0171 837
0006

FOLCLORE

RESTAURANTE "ODEMIRAS"

O FADO. LE FADO. THE FADO

TRIO ODEMIRA

RESTAURANTE ODEMIRAS – rua eduardo coelho - 27

rua gilberto rola – 22 RESTAURANTE

Timpanus

LISBOA – PORTUGAL

Boomerang supports artists

Fuchsias/ Watercolor by Annelis Clarke

(Manuscrito em esferográfica azul, inacabado) “Querida amiga, acredito que o 'correio Helena' seja mais rápido que o de sua Majestade, portanto, aí vão alguns cartões do Turner, a meu ver, um dos antigos aquarelistas e também pi...(a escrita foi encerrada aqui).

NOT FOR SALE

A pasta guarda mais de 500 cartões, no mínimo.

CAIXA 2:

ABERTURA 1: REVISTA DO BRASIL

Ano 1 n.1 / 84

Canibalismo erótico na sociedade escravocrata

Affoso Romano de Sant'anna

Prosa Literária atual no Brasil

Silviano Santiago

Música hoje: partindo dos novíssimos

Jose Maria Neves

ENCONTROS INESPERADOS

Um arquivo herdado, domiciliar, ao qual o acesso é restrito para o público, mas irrestrito para quem o guarda, oferece a quem investiga uma ordem de afetos particular. Há algumas características exclusivas desse acesso que se distanciam da pesquisa em ambiente institucional de um arquivo público, de terceiros ou de uma biblioteca: a proximidade corporal, a conversa íntima a qualquer hora do dia com os documentos, a desordem e a dispersão cotidiana. Ocorreram situações dignas de nota durante o processo de pesquisa nos arquivos da Expedição ao Pantanal, devido à particularidade da uma pesquisa realizada principalmente com documentos guardados em ambiente domiciliar. Um acontecimento curioso destaca-se: para organizar o material que dizia respeito à expedição, duas caixas foram montadas onde, de tempos em tempos, algo novo era acrescentado, julgado ter alguma relação com a pesquisa. Em uma das caixas documentos e livros eram encontrados. Na segunda, o material artístico para investigações estéticas e visuais. Caixas conviviam ao lado da mesa de trabalho durante alguns meses. Acompanharam as idas para o ateliê, depois voltaram para seu lugar inicial, sentadas ao lado da mesa de trabalho para poucos meses depois se isolarem em um quarto, durante o período de quarentena (quando a mesa de trabalho foi perdida para a intensa rotatividade de atividades escolares dos filhos).

Em andanças e mudanças, o tempo dedicado para fisicamente mexer nos documentos restringe-se, mas diariamente, uma espécie de conversa especulativas com as caixas decorria. Eram momentos em que se mapeava o que estava ali guardado, criava-se um inventário mental, perguntava se os documentos estavam bem conservados, se outras combinações de pastas poderiam abrir novas ideias para textos e experimentos artísticos.

Nessas conversas se imaginava o que estava acontecendo em um outro tempo ou lugar e perguntas triviais eram postas, como: quem tirou a foto em grupo com o carro de boi

e Rosa? Onde Sol estava quando fotografou “uma cachoeira em grande estilo”, será que ela mergulhou no rio? Recordações vagas de referências geográficas que Sol e Rosa escreveram em suas correspondências surgiam em tentativas de identificar os lugares das fotografias. Algumas perguntas levaram a remexer os documentos – como a dúvida de se o vaqueiro Mariano foi fotografado. A pasta das fotografias foi aberta para tentar encontrá-lo, sem sucesso. Uma pergunta engatava em outra e, por vezes, olhar para as caixas concentrava o interesse da investigação, como se ali, sem confrontar os documentos, diante de uma dimensão inalcançável, a imaginação era potencializada e a especulação encontrava vias que entrelaçavam fatos e ficção oferecendo, por vezes, dados e compreensões novas sobre o evento.

Durante uma das conversas íntimas com as caixas, o contato físico com os documentos foi retomado; numa deriva, o material de papel foi retirado de dentro delas para ver se algo novo era encontrado, sem se saber exatamente o quê. Inesperadamente, a primeira edição da quinta fase da Revista do Brasil foi encontrada. Estranhamente, aquela revista estava lá, pois não fazia parte do material inicialmente selecionado para pesquisa.

A revista era de 1984 com um artigo de Rosa de 1946 — data que interessava por ser imediatamente anterior à expedição ao Pantanal. Era uma resenha de um livro que não chegou a ser publicado, que quase sumiu devido a um incêndio. Uma raridade. O editorial e a equipe – comandada por Darcy Ribeiro – eram de destaque, reunindo pensamentos sobre um projeto de Brasil.

O artigo sobre o Rosa foi lido algumas vezes, em diferentes momentos, em buscas por imagens de paisagem ou indícios sobre sua relação com a geografia. Ao relê-lo, não bastou o espanto do encontro misterioso com a revista, foi encontrado também uma dimensão doméstico-familiar. Depois de criar ligações entre os nomes, um e-mail (0809/2020) foi escrito para compartilhar o achado com a Marília Rothier, mestra que acompanha a pesquisa:

Fiquei encantada com um texto do Rosa que acabo de ler e me deu vontade de compartilhar. É um texto escrito em 1946 para servir de prefácio para o livro de um amigo íntimo, Alexandre Barbosa da Silva, que, por causa de um incêndio, não chegou a ser editado. O prefácio do Rosa ficou guardado com a família do Alexandre e foi publicado em 1984 na Revista do Brasil. Me interessou ver a linguagem usada para descrever paisagens numa data logo anterior à expedição ao Pantanal e, agora que quero me dedicar ao trabalho plástico do acervo, peguei o artigo para ler mais atentamente. Para superar minhas expectativas, o texto me surpreendeu com a informação de que o Alexandre é o trisavô dos meus filhos e a avó deles, Lúcia Gebara, citada no artigo, foi quem encaminhou o texto para ser publicado. E para tornar toda a história ainda mais surpreendente, Alexandre faleceu numa casa, na rua onde morei quando me casei, sobre a qual o Rosa comenta:

... em sua casa na Rua Visconde de Albuquerque, falecia o Alexandre. Na hora, não pude estar lá, para assisti-lo. (...) mas ao entrar em agonia, ele ainda disse: — Chamem o Guimarães Rosa, para ele ver como morre um sertanejo! Da sincera saudade, a gente não sabe falar direito. Mas sei que, um dia, ao chegar, por minha vez, até lá, com ele toparei, e poderei pedir-lhe: — Vamos, Alexandre, vem me mostrar como é que é o sertão deste Céu...

Deixando coincidências pessoais à parte, é muito interessante observar como o Rosa cita a escrita narrativa de Alexandre Barbosa ao descrever a vegetação e a paisagem de Minas. Acho que pode lhe interessar. Separei dois trechos fascinantes, autoria de Alexandre: “vi que isso de gosto de narrar por escrito é cururu que brota entre paralelepípedos, e que as crateras da arte sempre podem subir fogo” e “Beirando os rios, e entre os rios e as chapadas verde velho, vai dupla faixa atapetada, capim de um verde infantil. São as veredas dos gerais. (MORAES, 2022).

As veredas de Alexandre, antes das veredas do Grande Sertão. Encontros misteriosos e ligações imprevistas são férteis quando não restritos a uma linha dura de pesquisa, mas quando seguem a fluidez do correr de uma investigação. Como a linha do anzol de Virginia Woolf, em "Um teto todo seu" a pescar ideias, seguindo o fluxo da deriva do pensamento. Especulações e derivas por arquivos proporcionam encontros férteis para a imaginação, geram encontros imprevistos, desdobramentos visuais e narrativas de ordem temporais e materiais múltiplas.

Na superfície de um papel, na montagem de uma narrativa histórica, artística, científica ou literária, há a possibilidade de conjugar, expor e tramar variadas ligações imprevistas – abrir correntezas —e, assim, buscar linguagens, métodos, palavras e imagens que sirvam como iscas de paisagens e fantasmas que permanecem no presente, de acontecimentos de outrora.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soeth. Campinas: Editora Unicamp 2011.

COSTA, Ana Luiza Martins. **Veredas de Viator em Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: uma impressão Freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GARSON, Sol. (1947). **Correspondência entre Sol e Leon**, sem data, de Corumbá para o Rio de Janeiro. [Documentos guardados em Arquivo familiar].

LUDMER, Josefina. **Aqui América Latina: uma especulação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Discurso de posse como Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Geografia**. In: Boletim da Sociedade de Geografia do Brasil, 1945, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181897&PagFis=7706&Pesq=> Acesso em: 3 jan 2022.

WERÁ, Kaka. Biblioteca Mário de Andrade: **Diálogos na Mário: A vida é sonho**. YouTube, 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PHckv5XgoaE>. Acesso em: maio de 2020.